

ASPECTO, REFERÊNCIA NOMINAL E PAPÉIS TEMÁTICOS *

A importância do argumento interno com a função de objecto directo na delimitação de um evento tem sido muitas vezes abordada em diversas propostas de análise do Aspecto (ou de Aktionsart), estando a diferença entre delimitado e não delimitado presente, por exemplo, nas distinções “accomplishment”/actividade ou télico/atélico. Apesar de diferentes tradições em que estes e outros termos surgiram, todos tentam captar o contraste entre estas noções, cuja concepção central é a de que uma expressão verbal é limitada (terminada, concluída), se a sua denotação envolve um termino inerente no qual o evento se esgota e dá origem a uma outra situação (ou estado de coisas), enquanto uma expressão não delimitada não tem um termino inerente. No entanto, pouca atenção foi dada à consideração da semântica dos argumentos internos dos predicados verbais na determinação dessas diferenças¹.

Referência Nominal e Aspecto

Tem-se observado ultimamente que os conceitos de certas formas de referência nominal e de interpretação aspectual se podem aproximar. Em primeiro lugar, certas distinções semânticas no domínio nominal e no domínio verbal apresentam semelhanças interessantes, em especial a diferença

* Este artigo é dedicado ao Professor Óscar Lopes, meu amigo e mestre. Com ele tenho aprendido muito e para sempre ficará comigo a alegria e o prazer que têm acompanhado as nossas conversas e debates sobre o conhecimento, a vida e, evidentemente, a linguística.

¹ Uma excepção é o trabalho de Verkuyl que desde 1972 vem defendendo que a semântica dos argumentos é determinante para o estudo do Aspecto. VERKUYIL, Hank — *On the Compositional Nature of the Aspects*, Dordrecht, Reidel, 1972. Veja-se também VERKUYIL, Hank — *A Theory of Aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure*, Cambridge, C.U.P., 1993.

entre termos massivos/termos contáveis e certas distinções entre tipos aspectuais de predicados.

No domínio nominal é usual contrastar-se nomes como *água* e *maçã*, na medida em que o primeiro se considera um termo massivo e o segundo contável. No entanto, tal oposição não pode ser feita directamente, pois estes nomes apresentam uma distribuição sintáctica e tipo semântico diferentes². Assim, parece ser mais apropriado comparar *água* e *uma maçã* e *maçãs* e *duas maçãs* na medida em que os dois primeiros termos de cada par podem referir cumulativamente³, enquanto os outros dois o fazem quantitativamente. Isto é, no primeiro caso, se há uma entidade a que se aplica o predicado *água*, este também se aplica à sua colecção, enquanto no segundo caso *uma maçã* não se pode aplicar a uma colecção.

De forma paralela se encontram estas distinções no domínio verbal, nomeadamente no que se relaciona com os tipos aspectuais de predicados⁴ e na distinção clássica entre predicados télicos e atélicos, em que os primeiros apresentam um ponto terminal, como em *correr a maratona*, e os segundos não apresentam qualquer ponto terminal, como em *correr*. Como se disse, esta distinção tem estado presente ou subjacente em várias propostas e existe um conjunto de testes⁵ que permitem determinar com alguma segurança a que tipo pertencem. Um dos testes mais divulgados consiste na utilização das expressões adverbiais *durante uma hora* / *numa hora*.

- (1) A Maria correu durante uma hora/ * numa hora.
- (2) A Maria correu cinco quilómetros * durante uma hora/ numa hora.

² Os nomes massivos podem constituir um SN enquanto os contáveis não podem. Veja-se *Ele bebeu água* e a agramaticalidade de *Ele comeu maçã*.

³ Quine diz o seguinte a propósito da referência cumulativa: “*So-called mass terms like ‘water’, ‘footwear’, and ‘red’ have the semantical property of referring cumulatively: any sum of parts which are water is water*”, in QUINE, W.V.O. — *Word and Object*, Cambridge, Massachusetts, The M.I.T.Press, 1960, p.91.

⁴ Desde o texto clássico de Vendler que várias têm sido as propostas de tipologias de base semântica dos predicados verbais. Não se discutirá aqui a adequação de cada uma delas e assume-se a proposta de Vendler por ser a mais conhecida: Estados, Actividades, ‘Accomplishments’ e ‘Achievements’. Veja-se VENDLER, Zeno — *Verbs and Times*, in “Linguistics in Philosophy”, Ithaca, Cornell University Press, 1967. Para a apresentação de algumas tipologias e sua discussão, veja-se OLIVEIRA, Fátima — *Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português*, in “Actas do Congresso Internacional sobre o Português”, Lisboa, APL, 1995 (no prelo).

⁵ Veja-se DOWTY, David R. — *Word Meaning and Montague Grammar. The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and Montague’s PTQ*, Dordrecht, Reidel, 1979, cap. 2, em especial, p. 65 e ss..

Em interpretações usuais⁶, uma expressão atélica pode ocorrer com adverbiais durativos, mas não com adverbiais de medição de tempo, enquanto com uma expressão télica se dá a situação inversa.

Desta forma, pode observar-se que um sintagma nominal como *uma maçã* denota um objecto com limites precisos tal como *correr cinco quilómetros* denota um evento com limites precisos. Um sintagma nominal como *água* denota algo sem limites precisos tal como *correr* não apresenta uma delimitação.

Em segundo lugar, tem-se observado que os tipos referenciais dos argumentos internos dos verbos determinam frequentemente a constituição temporal-aspectual de frases, pois um argumento contável articula-se com um predicado verbal télico e um argumento cumulativo com um predicado atélico⁷.

- (3) A Maria bebeu água durante uma hora/*numa hora.
- (4) A Maria bebeu um copo de água *durante uma hora/ numa hora.
- (5) A Maria bebeu copos de água durante uma hora/*numa hora.

No entanto, nem sempre se observa esta relação, como se pode verificar nos seguintes exemplos, em que a oposição termo singular/mero plural nas frases anteriores não conduz às diferenças mencionadas anteriormente.

- (6) A Maria observou uma bactéria ao microscópio durante uma hora/* numa hora.
- (7) A Maria observou bactérias ao microscópio durante uma hora/* numa hora.

Estes exemplos evidenciam que a semântica lexical dos verbos é determinante na forma como a referência nominal pode afectar a constituição temporal/aspectual da expressão complexa. Quando se trata de um

⁶ Destas interpretações excluem-se, por exemplo, as interpretações iterativas que se podem obter em frases como:

Ele correu cinco quilómetros todos os dias durante um mês,

em que a iteratividade torna possível a aceitação da expressão adverbial durativa, apesar de se tratar de uma expressão télica.

⁷ Em línguas eslavas como o Checo, que não têm artigos, os processos de individuação aplicados aos nomes são realizados com o apoio da oposição aspectual marcada através de afixos na forma verbal. Por exemplo, *Pil vodu* (Ele bebeu água) e *Vypil sklenici vodi* (Ele bebeu um copo de água) ou ainda *Jedl jablko* (Ele comeu uma maçã) e *Snědl (to) jablko* (Ele comeu a maçã).

argumento interno que é um objecto ‘observado’ o comportamento é diferente do de objectos afectados (ou que sofrem uma clara mudança de estado). Assim, o papel temático dos argumentos internos parece ser relevante para analisar estas questões.

Papéis Temáticos

A maior parte dos estudos que usam a noção de relações temáticas assumem que há um número limitado de papéis temáticos, dos quais os mais comuns são Agente, Paciente, Alvo, Origem, Experienciador e Locativo. Para além disto, a cada argumento de um predicado é atribuído um papel temático e não é possível que dois argumentos de um predicado tenham o mesmo papel temático⁸. No entanto, a questão das relações temáticas tem sido objecto de muitas propostas, por vezes dificilmente coincidentes na medida que se tem verificado que é bastante difícil definir um conjunto limitado de papéis temáticos e encontrar critérios que possam identificá-los. Dowty⁹ discute esses problemas e propõe, como forma de ultrapassar este impasse, a substituição das várias definições pela consideração de conjuntos de propriedades semânticas que permitam associar em proto-papéis temáticos diversos critérios anteriormente utilizados para distinguir papéis temáticos. Nesta perspectiva, propõe também que basta considerar dois proto-papéis, a saber, Proto-Agente e Proto-Paciente. As propriedades de cada um deles são as seguintes:

- (9) Propriedades que contribuem para o Proto-Papel Agente:
 - a. envolvimento volitivo no evento ou no estado
 - b. conhecimento (e/ou percepção)
 - c. causar um evento ou mudança de estado noutro participante
 - d. movimento (relativamente à posição de outro participante)

⁸ Nalgumas propostas considera-se também que os papéis temáticos estão ordenados numa hierarquia, como é o caso de Fillmore ou Jackendoff. Cf. FILLMORE, Charles — *The case for case*, in BACH, Emmon; HARMS, Robert T. (organizadores) — *Universals in linguistic Theory*, Nova Iorque, Holt, Rinehart e Winston, 1968, p.1-90 e JACKENDOFF, Ray — *Toward an Explanatory Semantic Representation*, in “Linguistic Inquiry” 7, 1976, p. 89-150.

⁹ Cf. DOWTY, David R. — *On the semantic content of the notion ‘thematic role’* in CHIERCHIA, Gennaro, PARTEE, Barbara; TURNER, Raymond (organizadores) — *Properties, Types and Meaning*, vol. II: *Semantic Issues*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, p. 1989, 69-129 e DOWTY, David R. — *Thematic Proto-Roles and Argument Selection*, in “Language”, Volume 67, Número 3, 1991.

(10) Propriedades que contribuem para o Proto-Papel Paciente:

- a. sofre mudança de estado
- b. tema incremental
- c. afectado causalmente por outro participante
- d. estacionário relativamente ao movimento de outro participante¹⁰.

A identificação do tipo de argumento numa dada relação faz-se através da atribuição de Agente ao argumento que tem mais propriedades agentivas e a de Paciente ao que tem mais propriedades como as mencionadas acima.

Dowty argumenta que a identificação destes proto-papéis é importante para predizer qual o argumento de uma relação que é realizado como sujeito, ou como objecto directo (ou objecto indirecto ou oblíquo). Isso é feito através do que ele chama Princípio de Selecção Argumental, acompanhado de alguns Corolários. Tendo em conta que estes proto-papéis só dizem respeito aos argumentos e não aos adjuntos, este Princípio deve ser entendido como uma restrição no tipo de predicados lexicais que podem existir numa língua natural. Veja-se brevemente como funciona. Um verbo como *escrever* tem dois argumentos que têm propriedades semânticas diferentes. O primeiro é volitivo e causa um evento e nessa medida é lexicalizado como sujeito. O segundo argumento é um tema incremental¹¹ e é lexicalizado como objecto.

Mas como um dos corolários observa, é possível, em certos casos, que ambos os argumentos tenham algumas propriedades agentivas e nessa medida seriam ambos candidatos a sujeito. Isto explicaria a existência de pares como *comprar* e *vender*, pois numa relação como *vender*, tanto o vendedor como o comprador agem volitivamente e são conscientes. Por isso a relação pode ser lexicalizada nas duas direcções com uma troca de argumentos. A existência de duplos lexicais confirma a selecção de argumentos. Se se considerasse que cada relação determina de forma única que argumento deve ser lexicalizado como sujeito, seria difícil compreender como é que certas relações são lexicalizadas duplamente e outras, como *escrever*, não o são.

Mas veja-se ainda a título exemplificativo relações como *temer* e *surprender*, na medida que são muito interessantes do ponto de vista da selecção argumental. Trata-se também de predicados com dois argumentos,

¹⁰ DOWTY, David R. — *Thematic Proto-Roles...*, p. 572.

¹¹ Veja-se adiante o parágrafo sobre tema incremental.

mas um deles deve ser capaz de experienciar algo e o outro argumento tem o papel de estímulo da experiência. É interessante verificar que esta classe de relações (chamadas verbos psicológicos) tem lexicalização dupla em muitas línguas. Por exemplo, “x teme y” em que o sujeito é o experienciador, e “y assusta x” em que o sujeito é o estímulo, ou “x surpreende y” em que o sujeito é o estímulo e “y está surpreendido com x” em que o sujeito é o experienciador. A proposta de Dowty prediz estas diferenças.

(11) Princípio de Selecção Argumental:

Em predicados com sujeito e objecto gramaticais, o argumento para o qual o predicado implica maior número de propriedades de Proto-Agente, será lexicalizado como o sujeito; o argumento que tiver o maior número de implicações de Proto-Paciente será lexicalizado como objecto directo ¹².

Tema Incremental

Um dos problemas interessantes sobre a questão da articulação entre predicados verbais e os seus argumentos internos, mencionado por Verkuyl ¹³, diz respeito ao ‘efeito’ que a associação de um predicado com um argumento que é, do ponto de vista referencial, um mero plural ou um termo massivo parecer ‘durativo’ ou ‘imperfectivo’, enquanto um argumento com referência definida ou indefinida faz surgir uma interpretação ‘perfectiva’:

(12) A Maria bebeu um copo de água.

(13) A Maria bebeu água.

Uma solução proposta por alguns semanticistas (Verkuyl, Dowty) e desenvolvida formalmente por Krifka ¹⁴ consiste em considerar que o significado de um predicado (basicamente télico) é um homomorfismo das

¹² DOWTY, David R. — *Thematic Proto-Roles...*, p. 576.

¹³ VERKUYIL, Hank — *Op. cit.*

¹⁴ VERKUYIL, Hank — *A Theory of Aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure*, Cambridge, Cambridge University Press, 1993; DOWTY, David, R — *Word Meaning...*; KRIFKA, Manfred — *Nominal Reference, Temporal Constitution and Quantification*, in BARTSCH, Renate, van BENTHEM, Johan; van EMDE BOAS, Peter (organizadores) — *Semantics and Contextual Expressions*, Dordrecht, Foris, 1989, p. 75-115; KRIFKA, Manfred — *Four Thousand Ships Passed Through the Lock: Object Induced Measure Functions on Events*, in “Linguistics and Philosophy” 13, 1990, p. 487-520; KRIFKA, Manfred — *Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Constitution*, in SAG, Ivan; SZABOLCSI, Anna (organizadores) — *Lexical Matters*, Stanford, CSLI 24, 1992, p. 29-53.

denotações do seu argumento Tema (estruturado) para um domínio estruturado de eventos.

Um homomorfismo é, de forma simplificada, uma função que preserva uma relação estrutural definida no seu domínio numa relação semelhante definida no seu contra-domínio¹⁵. Aplicando esta noção a um predicado télico, a relação que é preservada é a de “parte de”, isto é, se a é parte de b , então um predicado télico que projecta b como tema no evento e , deve projectar a no evento e' que é parte de e . A ideia de homomorfismo pode ser explicada informalmente. Uma expressão como *ele bebeu uma chávena de chá* é interpretada como delimitada e télica na medida em que o objecto directo delimita o evento. Mas se se beber uma parte do chá contido na chávena só se consumiu uma parte do chá disponível e por isso cada parte bebida do chá pode ser relacionada com o intervalo de tempo em que beber essa parte de chá ocorreu. Assim, beber uma chávena de chá só termina quando todo o chá contido na chávena foi consumido.

Deste modo, os exemplos anteriores podem ter uma explicação. Um copo de água tem evidentemente várias subpartes que são quantidades de água, mas nenhuma é um copo de água. Se o predicado télico *beber* é um homomorfismo Tema-para-evento, então projecta a denotação deste argumento num evento de beber-um-copo-de-água e projecta também subpartes desta quantidade de água em subeventos de beber subquantidades de água, mas nenhuma dessas partes é *beber um copo de água*. No caso de *beber água*, como em (13), há também um homomorfismo em que se projecta uma quantidade de água e as suas subpartes no correspondente evento e subeventos. Mas neste caso o SN *água* não especifica uma quantidade definida de água e por isso, subquantidades da quantidade inicial podem ser referidas por *água*.

Aspecto e Papéis Temáticos

Têm surgido na literatura diversas propostas sobre a articulação entre semântica lexical e estrutura argumental sintáctica em que se discute a relevância ou não dos papéis temáticos. Em vários estudos no domínio da sintaxe tem sido argumentado que os papéis temáticos não têm estatuto na teoria sintáctica. Uma dessas propostas é a de Tenny 94 que considera que as propriedades aspectuais relacionadas com os papéis temáticos constituem

¹⁵ Sobre a apresentação e discussão formais destas questões veja-se PARTEE, Barbara H.; MEULEN, Alice; WALL, Robert E. — *Mathematical Methods in Linguistics*, Dordrecht, Kluwer Academic Press, 1990, capítulos 9, 10 e 11 e em especial p. 253-254.

a interface entre a semântica lexical e a estrutura argumental sintáctica, isto é, considera que a correspondência se faz entre propriedades aspectuais e sintaxe, através da *Hipótese de Interface Aspectual* (“Aspectual Interface Hypothesis”):

“The universal principles of mapping between thematic structure and syntactic argument structure are governed by aspectual properties. Constraints on the aspectual properties associated with direct internal arguments, indirect internal arguments, and external arguments in syntactic structure constrains the kinds of event participants that can occupy these positions. Only the aspectual part of thematic structure is visible to the universal linking principles.”¹⁶

Tenny defende que um determinado argumento tem um estatuto aspectual privilegiado na delimitação de uma expressão, aparentemente só pela razão de ser o argumento interno directo, para usar os seus termos. É o que se pode observar na *Restrição de Medição dos Argumentos Internos Directos* (“Measuring-Out Constraint on Direct Internal Arguments”):

“(i) The direct internal argument of a simple verb is constrained so that it undergoes no necessary internal motion or change, unless it is motion or change which ‘measures out the event’ over time (where ‘measuring out’ entails that the direct argument plays a particular role in delimiting the event).

(ii) Direct internal arguments are the only overt arguments which can ‘measure out the event’

(iii) There can be no more than one measuring out for any event described by the verb.”¹⁷

A assimetria entre argumento interno e externo é central no seu trabalho, mas em certos casos, o argumento externo pode determinar situações delimitadas ou não. Mesmo em Português, em que são mais raras as construções com meros plurais em posição de sujeito, é possível comparar as seguintes frases em que a primeira não é delimitada e a segunda é, na

¹⁶ Cf. TENNY, Carol, L. — *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*, Dordrecht, Kluwer Academic Press, 1994, p. 2.

¹⁷ TENNY, Carol, L. — *Op. cit.*, p. 11.

Esta restrição e as restrições sobre argumentos internos indirectos e argumentos externos, assim como a restrição de delimitação única são retomadas e/ou explicitadas na p. 114. A restrição sobre argumentos internos indirectos diz que estes só participam na estrutura de um evento se fornecerem um ponto terminal, enquanto a restrição sobre o argumento externo diz que este não pode participar na medição ou delimitação de um evento. Quanto à última restrição mencionada, tem a função de restringir as possibilidades aspectuais do verbo na medida em que considera que só pode ocorrer uma medição ou uma delimitação de um evento.

medida em que em (14) pode haver mais do que um evento e em (15) só há um evento, se não se considerar uma leitura genérica:

- (14) Voam gaivotas em frente da minha casa.
- (15) Uma gaivota voa em frente da minha casa.

Nesta proposta, todas as construções que envolvem plurais estão fora de consideração, o que revela uma limitação, uma vez que em muitas construções meros plurais e massivos se aproximam, pois dão origem a expressões não delimitadas. Considerar meros plurais teria como consequência ter de ser reanalisada a assimetria entre argumento interno directo e argumento externo. Por outro lado, um argumento interno directo pode também determinar delimitação ou não:

- (16) Ele bebeu vários copos de água.
- (17) Ele bebeu um copo de água.

O princípio subjacente à 'Restrição de Medição' não é muito claro, uma vez que esta não está necessariamente relacionada com a delimitação dos eventos. Tenny diz que delimitação é uma parte daquela restrição, mas não a implica, pois pode haver delimitação sem Medição, através da introdução de um termino fornecido por outro argumento interno (que a autora denomina indirecto) e criando um percurso ('path') implícito como, por exemplo, em *pôr o vaso na varanda* ou em *empurrar o carro para uma estação de serviço*, sendo neste último um objectivo ('goal').

As propostas feitas no texto citado e a sua articulação melhoraram consideravelmente em relação a anteriores¹⁸, mas quando fala em três classes de verbos, 'verbos de tema incremental', 'verbos de mudança de estado' e 'verbos de caminho' ('route verbs') novamente não tem em conta que a medição ocorre não por se tratar de um objecto directo, mas pelo tipo de referência nominal que se opera, pois basta que em vez de *tocar uma sonata* se tenha *tocar sonatas* para que não haja delimitação e não haja medida. O mesmo pode acontecer com os verbos de tema incremental como *beber um copo de água* e *beber água* ou *beber copos de água* ou ainda em verbos de mudança de estado, para usar os seus exemplos, *o terrorista explodiu uma bomba* que se pode comparar com *explodiu bombas*.

¹⁸ Tenny vem desenvolvendo algumas destas ideias desde 1987 na sua dissertação de doutoramento. Veja-se TENNY, Carol, L. — *Grammaticalizing Aspect and Affectedness*, Dissertação de doutoramento, MIT, 1987; TENNY, Carol — L. — *The Aspectual Interface Hypothesis*, in SAG, Ivan; SZABOLSCI, Anna (organizadores) — *Op. cit.*, p. 1-27.

A razão que Tenny aponta para não tratar exemplos com meros plurais é estes induzirem muitas vezes uma leitura iterativa. Mas *comeu gelados* (por contraste com um outro exemplo seu: *comeu gelado*) não é necessariamente iterativa, embora arraste uma sucessão em virtude do que conhecemos do mundo. Por várias considerações feitas¹⁹ pode depreender-se que a Restrição de Medição mede um único evento, mas em vários exemplos como *as bananas amadureceram* (p. 107) não pode ser garantido um amadurecimento único. Parece, assim, aconselhável que se tenha em consideração que a obtenção de um único evento depende da interpretação semântica. Por exemplo, veja-se que uma frase como *Ele viu cinco bactérias ao microscópio* pode ter duas interpretações, isto é, viu as cinco bactérias simultaneamente ou em sucessão, correspondendo no primeiro caso a um evento e no segundo a vários eventos. Deste modo, a forma como se processa a individuação dos eventos pode ser crucial, mas deve ter por base alguns princípios, entre os quais a unicidade dos papéis temáticos²⁰. Nesta perspectiva, um princípio de individuação pode ser visto como um meio de projectar num domínio uma estrutura 'individualizada' que pode não ter em si.

Caracterização semântica de alguns tipos de predicados

Uma questão debatida tem sido a de determinar em que medida os eventos podem ser considerados entidades primitivas ou, pelo contrário, serem estruturados²¹.

¹⁹ Cf. TENNY, Carol, L. — *Aspectual Roles...*, p. 27 e s.

²⁰ Veja-se a este respeito CARLSON, Greg, N. — *Thematic roles and their role in semantic interpretation*, in "Linguistics", 22, 1984, p. 259-279

²¹ No primeiro caso estão as concepções subjacentes à semântica de eventos na qual se podem incluir duas versões diferentes. Uma derivada das propostas de Davidson 67 e outra que constitui um dos pilares da Teoria das Representações Discursivas (Kamp 79 e 81). Neste último caso os eventos são tidos como primitivos no quadro de uma representação do discurso, enquanto no outro caso constituem uma categoria ontológica, uma nova espécie de entidades.

DAVIDSON, Donald — *The Logical Form of Action Sentences* in RECHER, Nicholas (organizador) — *The Logic of Decision and Action*, University of Pittsburgh Press, 1967. Reimpresso em DAVIDSON, Donald — *Essays on Actions and Events*, Oxford, Clarendon Press, 1980. KAMP, Hans — *Events, Instants, and Temporal Reference*, in BAUERLE, R.; EGLI, U.; von STECHOW, A. (organizadores) — *Semantics from Different Points of View*, Berlim, Springer Verlag, 1979, p. 376-416. KAMP, Hans — *A Theory of Truth and Semantic Representations* in GROENENDIJK, J. A. G.; JANSSEN, T. M. V.; STOKHOF, M. J. B. (organizadores) — *Formal Methods in the Study of Language*, Amsterdão, Mathematical Centre Tracts 136, I, 1981, p. 277-322.

Uma das propostas mais interessantes no domínio da semântica dos eventos é a de Krifka com uma abordagem no quadro da teoria dos Reticulados proposta por Link²². Em linhas gerais, consiste num modelo cuja estrutura é $M_k = \langle O, E, U_O, U_E, \subseteq_O, \subseteq_E \rangle$, em que O é o domínio dos objectos (atômicos ou complexos) e E o domínio dos eventos (atômicos ou complexos). Se o operador U_O se aplica a dois indivíduos, z e z' , então $z U_O z'$ é também um indivíduo em O . Quanto a $z U_E z'$, z é uma parte de z' em E . Não será, todavia, explicitado no seu pormenor o tratamento formal de frases na medida em que só se recorrerá a alguns conceitos desta proposta.

Veja-se então como se pode representar predicados de objectos como *água*, *um copo de água*, *maçãs* e *duas maçãs* :

- (18) a. $\text{água} \subseteq O \wedge \text{CUM}(\text{água})$
 b. $\text{um-copo-de-água} \subseteq O \wedge \text{CONT}(\text{um-copo-de-água})$
 c. $\text{maçãs} \subseteq O \wedge \text{CUM}(\text{maçãs})$
 d. $\text{duas maçãs} \subseteq O \wedge \text{CONT}(\text{duas maçãs})$

Em qualquer dos casos se diz que se trata de predicados de objectos, sendo cumulativo em a. e em c. e contabilizável em b. e em d.²³.

O mesmo se pode observar relativamente a *correr* e *correr cinco quilómetros*. Se, em vez de utilizar a representação clássica *correr (Maria)*, em que os predicados verbais de um lugar são reconstruídos como os predicados de objectos, se seguir a proposta de Davidson²⁴, em que existe também um lugar argumental para evento, então a representação será *correr (Maria, e)*. No entanto, em várias propostas neo-davidsonia-

²² Cf. KRIFKA, Manfred — *Nominal Reference...*; LINK, Godehard — *The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms: A Lattice-Theoretical Approach*, in BÄUERLE, R., SCHWARZE, C.; von STECHOW, A. (organizadores) — *Meaning, Use and Interpretation*, Berlim, de Gruyter, 1983. p. 302-323. LINK, Godehard — *Algebraic Semantics for Event Structures* in GROENENDIJK, J. A. G.; STOKHOF, M. J. B.; VELTMAN, F. (organizadores) — *Proceedings of the Sixth Amsterdam Colloquium*, Amsterdão, Institute for Logic, Language and Information, 1987, p. 243-262.

²³ Deve ter-se em conta que o termo predicado está a ser utilizado na sua acepção semântica e por isso se pode falar de predicados de objectos, na medida em que são atribuíveis a entidades.

²⁴ DAVIDSON, Donald — *Op. cit.*

nas²⁵ considera-se que há predicados de eventos e que os participantes estão com eles relacionados através de relações temáticas tais como Agente, Paciente, Tema. Neste caso, a representação de *A Maria corre* será $\text{correr}(e) \wedge \text{AG}(e, \text{Maria})$.

Como já se observou anteriormente, predicados atélicos como *correr* e télicos como *correr cinco quilómetros* apresentam semelhanças com certas formas de referência nominal, e, assim, faz sentido considerar que os primeiros são cumulativos e os segundos contabilizáveis. Isto é, dois eventos de *correr* formam juntos um evento de *correr* enquanto dois eventos de *correr cinco quilómetros* não formam um evento de *correr cinco quilómetros*, não sendo nenhuma das suas partes (ou sub-eventos) um evento de *correr cinco quilómetros*²⁶. Exactamente como *duas maçãs* não formam *uma maçã*, mas duas porções de *água* formam *água*.

Deste modo, a representação destes dois tipos de eventos, em que o primeiro é uma actividade e o segundo um “accomplishment”, pode apresentar paralelismo com a proposta para os predicados de objectos, que se apresentou acima:

- (19) a. $\text{correr} \subseteq E \wedge \text{CUM}(\text{correr})$
 b. $\text{correr-cinco-quilómetros} \subseteq E \wedge \text{CONT}(\text{correr-cinco-quilómetros})$

²⁵ Veja-se: CARLSON, Greg, N. — *Op. cit.*. Parsons tem desenvolvido uma semântica de eventos baseada em propostas de Davidson. As suas concepções estão apresentadas em vários trabalhos, podendo destacar-se PARSONS, Terence — *Events in the Semantics of English: a Study in Subatomic Semantics*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1990.

Em trabalhos no domínio da sintaxe há também várias propostas em que se recorre também, embora com representações um pouco diferentes, à consideração de um argumento *evento* na estrutura argumental, embora não se considere nessa estrutura a atribuição de papéis temáticos. Por exemplo, Rappaport e Levin consideram que existe uma estrutura lexical conceptual e uma estrutura lexical sintáctica (estrutura argumental). Esta última é isomorfica da estrutura -D (concepção sobre a qual não há acordo) e é uma representação estritamente sintáctica, propondo uma representação lexical semântica em termos de decomposição lexical.

Veja-se RAPPAPORT, Malka; LEVIN, Beth — *What to do with Θ roles*, in WILKINS, W. — *Syntax and Semantics 21: Thematic Relations*, Academic Press, 1988, p. 7-36. LEVIN, Beth; RAPPAPORT HOVAV, Malka — *Unaccusativity At the Syntax-Lexical Semantics Interface*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1995.

²⁶ No entanto, é discutível se uma frase como *O Pedro e a Maria correram cinco quilómetros* descreve um evento ou dois. Se se recorrer à propriedade de somatividade (ver adiante), então pode dizer-se que se trata de um evento de correr cinco quilómetros duas vezes, à semelhança de dois eventos distintos de beber um copo de água poderem produzir um evento de beber dois copos de água.

Quando se está a caracterizar os predicados desta forma, é preciso ter em atenção que, tradicionalmente, se considera que um predicado télico tem um ponto terminal e um atélico não tem. Por isso, convém acrescentar se tais predicados possuem ($PT(P)$) ou não ($\neg PT(P)$) esse ponto terminal:

- (20) a. correr $\subseteq E \wedge \neg PT$ (*correr*)
 b. correr-cinco-quilómetros $\subseteq E \wedge PT$ (*correr-cinco-quilómetros*)

Por outro lado, a noção de ponto terminal só pode ser definida relativamente a eventos-tipo uma vez que qualquer evento concreto de *correr* ou de *correr cinco quilómetros* tem um ponto terminal que pode até ser idêntico. A diferença é que um evento de *correr* pode ser parte de um evento maior (com um ponto terminal posterior), o que não acontece com predicados como *correr cinco quilómetros*²⁷.

No quadro da proposta de Krifka²⁸ é possível provar que um predicado cumulativo e não singular não tem normalmente um ponto terminal fixado e é atélico. Mas um evento contabilizável tem um ponto terminal e é télico porque todas as partes de um tal predicado têm o mesmo ponto terminal e por isso todos os 'sub-eventos' coincidem com o evento considerado. No entanto, há predicados que apresentam um ponto terminal, mas não são contabilizáveis como, por exemplo, *ir para a escola*, *correr para o jardim*.

Algumas considerações sobre os argumentos

As propriedades referenciais de alguns argumentos sintácticos são transferidas para as propriedades referenciais da expressão complexa no caso de certas relações temáticas. Por exemplo, considere-se *beber água*. O objecto está sujeito ao evento de uma forma gradual. *Água* é cumulativo e por isso este predicado também pode ser aplicado a partes próprias de água como seja *água'*. Por outro lado, *beber água* também se devia aplicar a partes do evento *e*, isto é, *e'*. Mas se considerarmos um predicado como

²⁷ Veja-se a propósito uma proposta de tratamento do Progressivo com recurso a noções como *parte de evento* e *fase de evento*. LANDMAN, Fred — *The Progressive* in "Natural Language Semantics", vol. 1, n.º 1, 1992. OLIVEIRA, F. — *Algumas Questões sobre Tempo e Aspecto*, "Cadernos de Semântica", n.º 9, 1992. OLIVEIRA, F. — *Op. cit.*

²⁸ KRIFKA, Manfred — *Nominal Reference...*

um copo de água, que é contabilizável, nenhuma parte pode ser descrita como *um copo de água* e nenhuma parte do evento pode ser descrita como *beber um copo de água*.

Neste caso é preciso assumir-se um homomorfismo de objectos para eventos de forma que possa conservar a estrutura reticular²⁹.

As propriedades da relação temática entre evento e objecto devem determinar esse homomorfismo. Essas propriedades são as seguintes: somatividade, unicidade de objectos, unicidade de eventos, projecção para objectos e projecção para eventos. Quanto à primeira, pode ser definida informalmente do seguinte modo: dois eventos distintos de *beber um copo de água* produzem um evento de *beber dois copos de água*³⁰. A propriedade de unicidade de eventos capta a relação de um evento com um objecto específico (*um copo de água*). A projecção para objectos capta a relação de cada parte de beber água com uma parte da água do copo e a última propriedade diz que cada parte do copo de água bebido corresponde a uma parte do evento de beber. A sua caracterização formal é a seguinte³¹:

(21)

Somatividade:

$$\forall R[\text{SOM}(R) \leftrightarrow e, e', x, x' [R(e, x) \wedge R(e', x') \rightarrow R(e \cup e', x \cup x')]]$$

Unicidade de objectos:

$$\forall R[\text{UNI-O}(R) \leftrightarrow \forall e, x, x' [R(e, x) \wedge R(e, x') \rightarrow x = x']]$$

Unicidade de eventos:

$$\forall R[\text{UNI-E}(R) \leftrightarrow \forall e, e', x [R(e, x) \wedge R(e', x) \rightarrow e = e']]$$

Projecção para objectos:

$$\forall R[\text{PRO-O}(R) \leftrightarrow \forall e, e', x [R(e, x) \wedge e' \subseteq e \rightarrow \exists x' [x' \subseteq x \wedge R(e', x')]]]$$

Projecção para eventos:

$$\forall R[\text{PRO-E}(R) \leftrightarrow \forall e, x, x' [R(e, x) \wedge x' \subseteq x \rightarrow \exists e' [e' \subseteq e \wedge R(e', x')]]]$$

Para que um predicado verbal seja cumulativo, o argumento tem de ser cumulativo e a relação temática somativa (*ler cartas*). Um predicado como *ler a carta* numa leitura não iterativa não pode ser estritamente

²⁹ Veja-se o que anteriormente se disse sobre homomorfismo.

³⁰ O que é interessante considerar é como se pode 'olhar' para os eventos de formas diversas, isto é, *Ele bebeu dois copos de água* pode ser considerado um evento, mesmo quando se sabe que não é possível que tal ocorra no mundo real tal como o conhecemos.

³¹ 'U' é uma operação de dois lugares, *junção*. '⊆' é uma relação de dois lugares, *parte*.

cumulativo (uma vez que este predicado é cumulativo e não singular) e por isso não pode ser atélico. Um predicado como *ler uma carta*, em que uma carta é contabilizável, tem como condições que o papel temático deve satisfazer unicidade de objectos e projecção para objectos, excluindo-se a interpretação iterativa. Neste caso pode provar-se que o predicado é também contabilizável e nessa medida atélico. Em certos casos, a interpretação iterativa parece não ser possível como é o caso de objectos realizados ou consumidos (*escrever a carta, beber a água*)³². Pode neste caso considerar-se um caso especial do anterior em que as relações temáticas satisfazem unicidade de eventos.

É também possível provar que expressões adverbiais durativas como *durante uma hora* seleccionam predicados verbais atélicos e expressões adverbiais de medição de tempo seleccionam predicados atélicos. A razão reside em se considerar que as expressões durativas pressupõem que o predicado verbal é estritamente cumulativo enquanto no outro caso se pressupõe que é 'atómico' (informalmente: não tem subpartes e por isso é indivisível). Predicados contabilizáveis são atômicos e não cumulativos e por isso não ocorrem com expressões durativas. Os predicados cumulativos podem combinar-se com expressões durativas e com adverbiais de medição se forem atômicos. Este último caso não se verifica a maior parte das vezes e por isso a associação de expressões de medição de tempo a tais predicados é pouco aceitável.

Uma consequência da utilização de tais propriedades da relação temática, que estabelece o elo entre evento e objecto, é este estar sujeito ao evento de forma gradual. A gradualidade compreende unicidade de objectos, projecção para objectos e projecção para eventos. Assim, os papéis temáticos de Paciente podem ser gradualmente realizados ou consumidos e nestes dois casos têm a propriedade de somatividade, gradualidade e unicidade de eventos (exemplos: *escrever uma carta, comer uma maçã*)³³. Há

³² Note-se, no entanto, que em exemplos como *Ele escreveu a carta vezes sem conta* é possível uma leitura iterativa. Este tipo de verbos parece permitir duas interpretações, pois tanto é possível interpretar como tendo escrito uma carta determinada (*Ele escreveu a carta*) e nesse caso não é iterativo, como é possível ter uma interpretação em que o que está em causa é o tipo de carta. Por isso uma frase como *Ele escreveu a carta vezes sem conta durante um mês* é uma frase perfeitamente aceitável, mas uma frase como *Ele bebeu a água vezes sem conta durante um mês* não é aceitável.

³³ Gradualidade pode ser definida da seguinte forma em que P é um predicado: $\forall P[\text{GRAD}(P) \leftrightarrow \text{UNI-O} \wedge \text{PRO-O} \wedge \text{PRO-E}(P)]$. No entanto deve ter-se em conta que a gradualidade diz respeito ao evento e nos casos em que há um homomorfismo, o objecto com papel temático de Paciente é também gradualmente realizado ou consumido. Veja-se também o que se disse a propósito de tema incremental.

também pacientes graduais que não têm a propriedade de unicidade de eventos (exemplo: *ler um jornal, escrever um livro*)³⁴.

A questão da unicidade de objectos tem sido discutida por vários autores³⁵. Carlson utiliza o termo unicidade temática, Dowty fala em 'uniqueness of role-bearers' e é uma exigência para o tratamento de papéis temáticos como funções em Link. Carlson sugere que as funções temáticas podem servir para distinguir e separar eventos na base desta propriedade e da discriminação de objectos envolvidos nos eventos. Esta é talvez uma proposta demasiado forte na medida em que, com certos predicados, o mesmo evento pode não estar associado a um único objecto, como, por exemplo, ver uma pessoa e ver ao mesmo tempo o chapéu que ela tem na cabeça.

A projecção para objectos e a projecção para eventos constituem o núcleo da construção do homomorfismo de objectos para eventos, que, em geral, parece aplicar-se a Paciente em posição de argumento interno, não sendo possível com outras relações temáticas como Agente. Como já se disse anteriormente, um predicado como *ler um livro* é gradual e por isso cada parte do livro corresponde a uma parte da leitura e vice versa. Mas como se pode considerar indivíduos que são o resultado de uma soma (veja-se a propriedade de somatividade), é possível que aquelas relações também se apliquem a outras funções temáticas. Por exemplo, *ver cinco crianças, inspeccionar cinco escolas*. O primeiro caso pode ter pelo menos duas interpretações, isto é, mesmo que seja só um experienciador, o predicado pode aplicar-se a eventos com estruturas diferentes: ver as cinco crianças simultaneamente ou vê-las sucessivamente, uma de cada vez. Neste último caso pode falar-se de projecção para eventos e de projecção para objectos, pois para cada parte do evento complexo há uma parte do indivíduo-soma que é visto neste evento. É, aliás, a única possível interpretação para o segundo predicado. Por isso, a expressão adverbial de medição de tempo pode ocorrer, considerando-se que se trata de um predicado télico.

(22) A Maria viu cinco crianças numa hora.

No entanto, o facto de certos verbos como *ver* terem interpretações em que os papéis temáticos se comportam como os de verbos como *comer*,

³⁴ É bastante interessante observar que, quando não há gradualidade, o progressivo dá origem a uma continuidade ou a uma iteratividade como, por exemplo, *Ele está a empurrar o carro* ou *Ele está a espirrar*. Assim, alguns efeitos do paradoxo do Imperfectivo só fazem sentido em casos delimitados, embora não necessariamente medidos.

³⁵ Veja-se a este respeito CARLSON, G. — *Op. cit.*; DOWTY, D. — *On the semantic content...*; LINK, G. — *Algebraic Semantics...*

evidência que a gradualidade não é um traço gramatical, mas tem mais que ver com certas características do conhecimento do mundo.

Porém, não quer isto dizer que todos os argumentos internos com função de objecto directo delimitem aspectualmente o predicado. Não só é possível construções com objecto directo que não medem nem delimitam (*lavar uma camisa, empurrar um carro*), como pode haver casos em que também o sujeito pode contribuir para determinar uma não delimitação, e, em particular, uma não unicidade de eventos, como em exemplos do tipo de (14).

Comentários

As propostas de Tenny são interessantes e, de certa forma, podem ser vistas como uma tentativa de precisão relativamente às propostas de Dowty, pois podem fornecer alguns critérios para determinar as funções sintácticas dos argumentos. No entanto, as propriedades aspectuais não podem ser propriedades de argumentos nominais, pois são determinadas por certas relações semânticas entre o predicador e os argumentos (e muitas vezes pelos adjuntos). Assim, parece mais correcto considerar que, quando há ‘medição’, ela é feita, preferencialmente, pelo objecto directo, embora este não tenha sempre essa função sendo, por isso, necessário recorrer a partículas verbais para o Inglês (como, por exemplo, *up* em *eat up*) ou considerar que existe um ‘terminus’ explicitado por um outro argumento interno.

Tenny considera que só a estrutura aspectual é visível à sintaxe e que esta não precisa de “ver” os papéis temáticos. Isto é, são os papéis aspectuais Measure, Terminus e Path que de certa forma fazem a ponte entre uma estrutura conceptual e a sintaxe (ou estrutura argumental)³⁶. Nessa medida, segundo Tenny, a ‘Restrição de Medição do Argumento Interno

³⁶ A ideia da existência de operações de ligação entre a semântica e a sintaxe está actualmente bastante difundida nestes domínios, embora com diferenças entre si. Em LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV — *Op. cit.* as autoras consideram que existem regras de ligação (linking rules) que são responsáveis pela determinação das estruturas argumentais de um grande número de verbos. No entanto, as regras que propõem dizem respeito só aos verbos intransitivos, uma vez que o seu objecto de análise é a inacusatividade. As regras que propõem são as seguintes: ‘Immediate Cause Linking Rule’, ‘Existence Linking Rule’ e ‘Default Linking Rule’. Estas regras têm uma ordem de precedência. Veja-se em especial p.136 e ss.

No entanto, Chomsky tem uma posição diferente sobre esta questão. Considera que a atribuição dos papéis temáticos é básica. Veja-se CHOMSKY, Noam — *Categories and Transformations*, não publicado, 1995.

Directo' dá conta das três primeiras caracterizações de proto-paciente de Dowty³⁷ e nos casos em que não existe o papel Measure, está-se perante a propriedade 'estacionário', que é outra propriedade de proto-paciente proposta por Dowty. No entanto, aquela autora considera que só há 'medição' com "non-stative delimiting verbs", o que torna mais evidente que a medição realizada pelo objecto directo está sujeita a certos condicionalismos. O modo como articula verbos e papéis aspectuais suscita a questão de saber se os verbos são delimitados por o argumento interno directo poder medir aspectualmente o evento ou o inverso.

Por outro lado, é estranho que só os papéis aspectuais estejam acessíveis à sintaxe, pois como explicar que frases com um verbo como *escrever* seleccionem para seu sujeito um SN com características de agentividade e não para objecto directo. Isto é, *a Maria escreveu uma carta* e não *a carta escreveu a Maria*. Nesta linha está também um outro problema que consiste em determinar como seria possível que frases como *ela escreveu cartas* ou *ela comeu gelado* seleccionem o que é sujeito e o que é objecto se o critério fosse só o de medir o evento. Aliás, há casos em que se verifica que é o SN com função de sujeito que é o tema incremental, como, por exemplo, em *o público saiu da sala de concertos em 10 minutos*. Acrescente-se ainda que ficam de fora os verbos estativos, relativamente aos quais um critério de medição não pode ser aplicado nos moldes propostos por Tenny, na medida em que são por sua natureza não limitados.

Parece-me ser uma forma interessante de precisar a grelha de relação entre os papéis temáticos e a selecção argumental, mas necessita de ter em consideração os plurais, da contribuição do estudo do Aspecto da frase e de ter em conta que há propriedades associadas aos papéis temáticos que têm que ser visíveis na sintaxe.

A ideia de que estas propriedades semânticas podem apoiar a selecção dos argumentos, em especial a sua ordenação, deve ser vista não como uma determinação completa, mas só aproximada.

Um tema incremental que determine telicidade parece ser bastante significativo para a distinção entre verbos inacusativos e inergativos. A hipótese avançada por Dowty vai no sentido de considerar que verbos intransitivos, que são agentivos e atélicos são inergativos e verbos não-agentivos e télicos são inacusativos, deixando em aberto as outras duas possibilidades³⁸.

³⁷ Veja-se atrás neste artigo.

³⁸ Vejam-se, a este respeito, as hipóteses de LEVIN, B.; RAPAPORT-HOVAV — *Op. cit.*. Embora partindo de pressupostos teóricos diferentes, é possível estabelecer paralelismos entre as suas propostas e as de Dowty.

Por outro lado, é importante ter em conta que é a semântica das expressões nominais em certas posições argumentais conjuntamente com as relações estabelecidas pelos verbos que pode esclarecer a complexa rede de relações temáticas.

Conclusão

A noção de individuação é uma propriedade da relação entre objecto participante e evento e tanto pode dizer respeito a nomes como a eventos. Está reflectida na estrutura linguística em várias categorias (por exemplo: determinantes, casos, aspecto, número), mas também depende da ordem das palavras e de várias restrições contextuais.

Um problema relacionado com esta questão é a articulação Sintaxe-Semântica-Léxico. Em primeiro lugar, é preciso esclarecer se a estrutura argumental está separada de outras informações e é estritamente sintáctica ou não; em segundo lugar, parece pertinente pensar se há uma “parte” semântica conceptual que é primitiva e uma “parte” lexical que actua paralelamente com a estrutura argumental. Se se aceitar que os papéis temáticos não são uma colecção de informações mais ou menos sintácticas ou semânticas e que, pelo contrário, são propriedades semânticas que estabelecem tipos de relações, então pode dizer-se que são um meio de estabelecer, por defeito, o tipo semântico dos sintagmas que podem desempenhar determinadas funções sintácticas.

É claro que a complexidade destas questões exige um maior aprofundamento, mas constituem seguramente um dos núcleos da articulação Sintaxe-Semântica-Léxico com consequências para a forma da gramática.

Fátima Oliveira